

**(In)visibilidade das mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional**

(In) visibilidad de la mujer en los campos de fútbol: rompiendo tabúes y ampliar su presencia en el espacio público a través de la práctica de los deportes profesionales

(In) visibility of women in football fields: breaking a hoodoo and expand its presence in the public space through the practice of professional sports

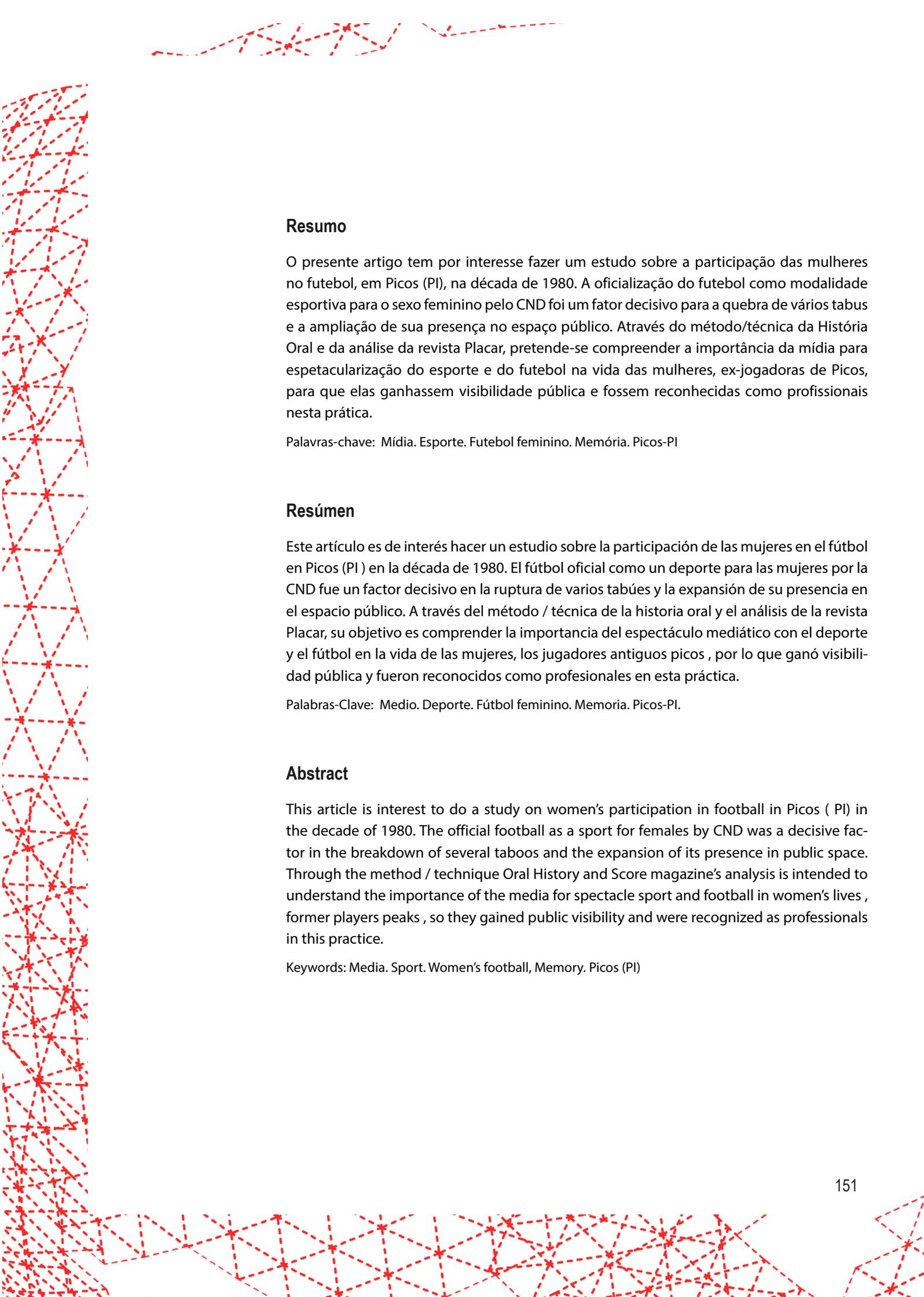
**Nilsângela Cardoso Lima**

Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Mestre em História do Brasil pela UFPI. Especialista em História do Brasil pela UFPI. Graduada em História pela UFPI. Professora Efetiva do Curso de Licenciatura em História da UFPI e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI  
Contato: nilcardoso@gmail.com

**Maria Gleyciane Barbosa de Sousa**

Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí.  
Contato: gleycianeufpi@gmail.com

Artigo recebido em 30/09/2015 e aceito em 18/12/2015



## Resumo

O presente artigo tem por interesse fazer um estudo sobre a participação das mulheres no futebol, em Picos (PI), na década de 1980. A oficialização do futebol como modalidade esportiva para o sexo feminino pelo CND foi um fator decisivo para a quebra de vários tabus e a ampliação de sua presença no espaço público. Através do método/técnica da História Oral e da análise da revista Placar, pretende-se compreender a importância da mídia para espetacularização do esporte e do futebol na vida das mulheres, ex-jogadoras de Picos, para que elas ganhassem visibilidade pública e fossem reconhecidas como profissionais nesta prática.

Palavras-chave: Mídia. Esporte. Futebol feminino. Memória. Picos-PI

## Resumen

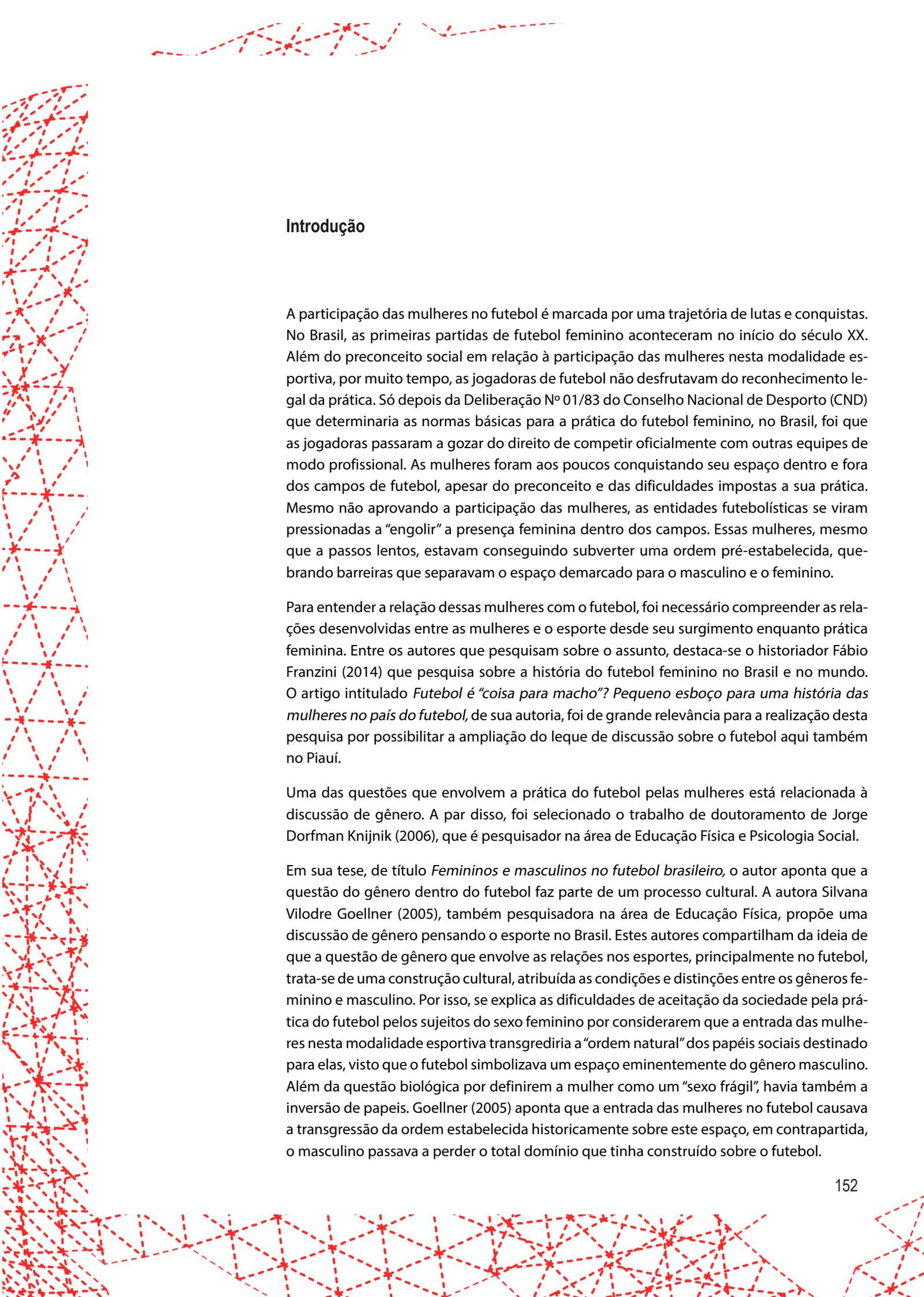
Este artículo es de interés hacer un estudio sobre la participación de las mujeres en el fútbol en Picos (PI) en la década de 1980. El fútbol oficial como un deporte para las mujeres por la CND fue un factor decisivo en la ruptura de varios tabúes y la expansión de su presencia en el espacio público. A través del método / técnica de la historia oral y el análisis de la revista Placar, su objetivo es comprender la importancia del espectáculo mediático con el deporte y el fútbol en la vida de las mujeres, los jugadores antiguos picos , por lo que ganó visibilidad pública y fueron reconocidos como profesionales en esta práctica.

Palabras-Clave: Medio. Deporte. Fútbol femenino. Memoria. Picos-PI.

## Abstract

This article is interest to do a study on women's participation in football in Picos (PI) in the decade of 1980. The official football as a sport for females by CND was a decisive factor in the breakdown of several taboos and the expansion of its presence in public space. Through the method / technique Oral History and Score magazine's analysis is intended to understand the importance of the media for spectacle sport and football in women's lives , former players peaks , so they gained public visibility and were recognized as professionals in this practice.

Keywords: Media. Sport. Women's football, Memory. Picos (PI)



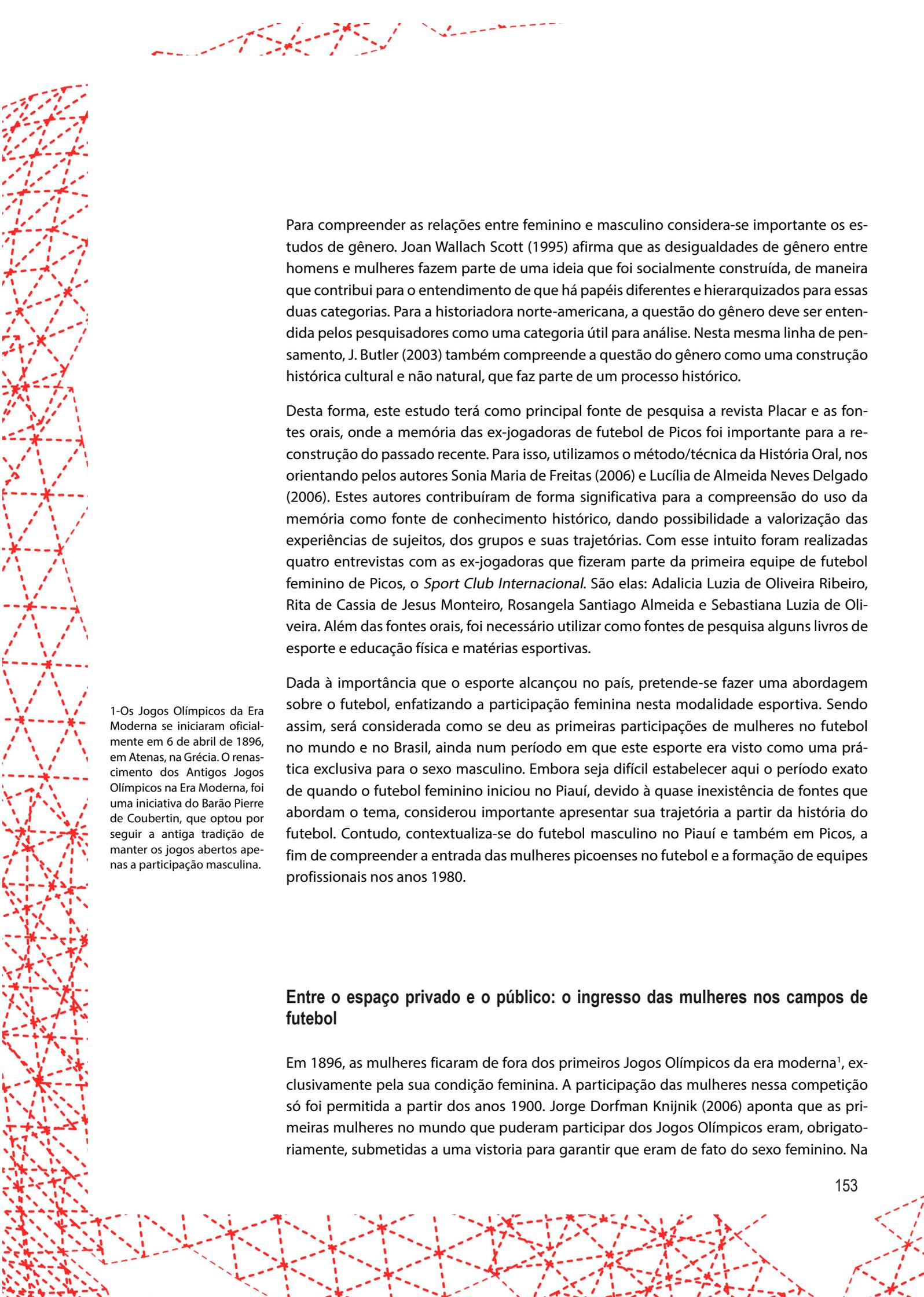
## Introdução

A participação das mulheres no futebol é marcada por uma trajetória de lutas e conquistas. No Brasil, as primeiras partidas de futebol feminino aconteceram no início do século XX. Além do preconceito social em relação à participação das mulheres nesta modalidade esportiva, por muito tempo, as jogadoras de futebol não desfrutavam do reconhecimento legal da prática. Só depois da Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto (CND) que determinaria as normas básicas para a prática do futebol feminino, no Brasil, foi que as jogadoras passaram a gozar do direito de competir oficialmente com outras equipes de modo profissional. As mulheres foram aos poucos conquistando seu espaço dentro e fora dos campos de futebol, apesar do preconceito e das dificuldades impostas a sua prática. Mesmo não aprovando a participação das mulheres, as entidades futebolísticas se viram pressionadas a “engolir” a presença feminina dentro dos campos. Essas mulheres, mesmo que a passos lentos, estavam conseguindo subverter uma ordem pré-estabelecida, quebrando barreiras que separavam o espaço demarcado para o masculino e o feminino.

Para entender a relação dessas mulheres com o futebol, foi necessário compreender as relações desenvolvidas entre as mulheres e o esporte desde seu surgimento enquanto prática feminina. Entre os autores que pesquisam sobre o assunto, destaca-se o historiador Fábio Franzini (2014) que pesquisa sobre a história do futebol feminino no Brasil e no mundo. O artigo intitulado *Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol*, de sua autoria, foi de grande relevância para a realização desta pesquisa por possibilitar a ampliação do leque de discussão sobre o futebol aqui também no Piauí.

Uma das questões que envolvem a prática do futebol pelas mulheres está relacionada à discussão de gênero. A par disso, foi selecionado o trabalho de doutoramento de Jorge Dorfman Knijnik (2006), que é pesquisador na área de Educação Física e Psicologia Social.

Em sua tese, de título *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*, o autor aponta que a questão do gênero dentro do futebol faz parte de um processo cultural. A autora Silvana Vilodre Goellner (2005), também pesquisadora na área de Educação Física, propõe uma discussão de gênero pensando o esporte no Brasil. Estes autores compartilham da ideia de que a questão de gênero que envolve as relações nos esportes, principalmente no futebol, trata-se de uma construção cultural, atribuída as condições e distinções entre os gêneros feminino e masculino. Por isso, se explica as dificuldades de aceitação da sociedade pela prática do futebol pelos sujeitos do sexo feminino por considerarem que a entrada das mulheres nesta modalidade esportiva transgrediria a “ordem natural” dos papéis sociais destinado para elas, visto que o futebol simbolizava um espaço eminentemente do gênero masculino. Além da questão biológica por definirem a mulher como um “sexo frágil”, havia também a inversão de papéis. Goellner (2005) aponta que a entrada das mulheres no futebol causava a transgressão da ordem estabelecida historicamente sobre este espaço, em contrapartida, o masculino passava a perder o total domínio que tinha construído sobre o futebol.



1-Os Jogos Olímpicos da Era Moderna se iniciaram oficialmente em 6 de abril de 1896, em Atenas, na Grécia. O renascimento dos Antigos Jogos Olímpicos na Era Moderna, foi uma iniciativa do Barão Pierre de Coubertin, que optou por seguir a antiga tradição de manter os jogos abertos apenas a participação masculina.

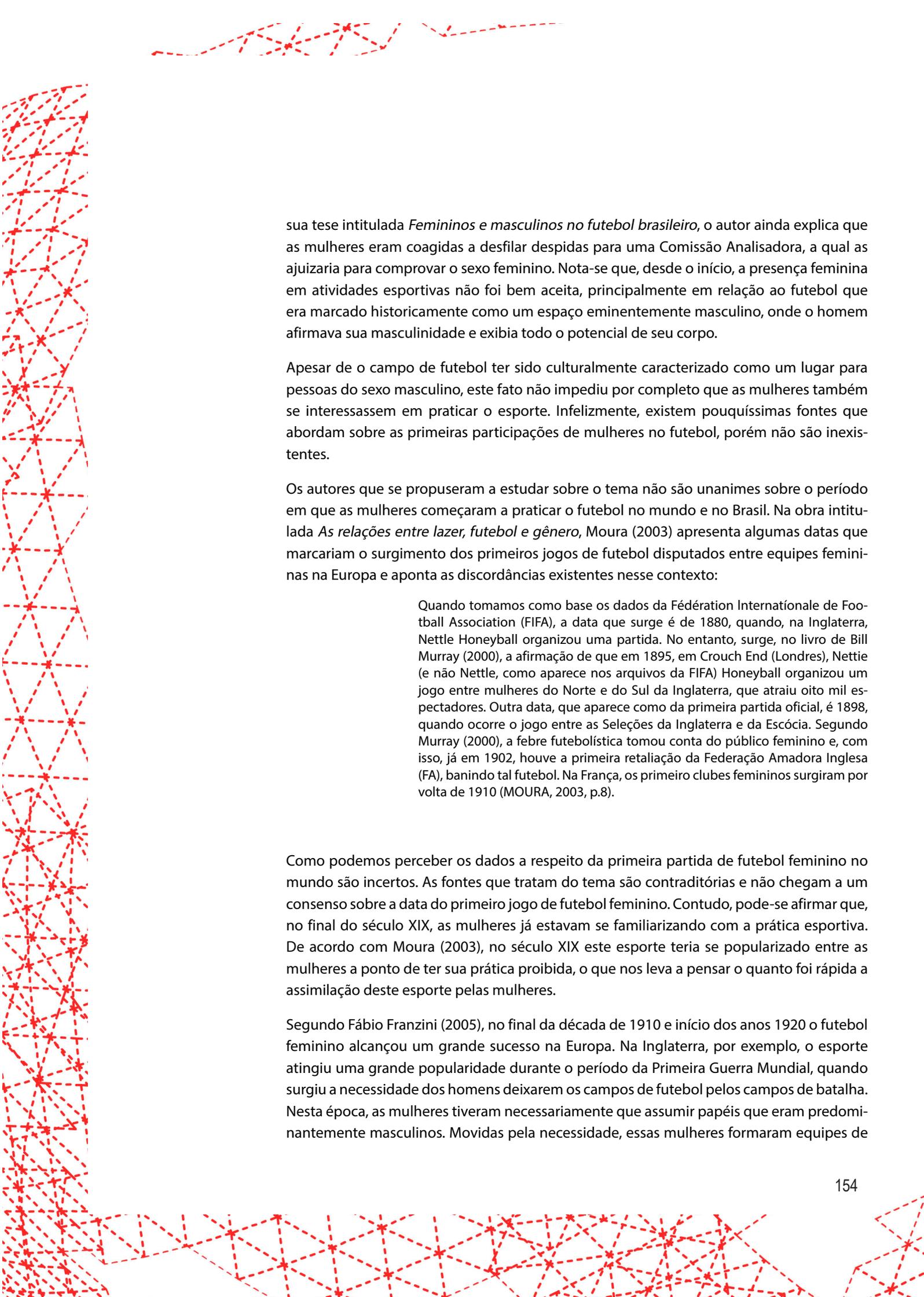
Para compreender as relações entre feminino e masculino considera-se importante os estudos de gênero. Joan Wallach Scott (1995) afirma que as desigualdades de gênero entre homens e mulheres fazem parte de uma ideia que foi socialmente construída, de maneira que contribui para o entendimento de que há papéis diferentes e hierarquizados para essas duas categorias. Para a historiadora norte-americana, a questão do gênero deve ser entendida pelos pesquisadores como uma categoria útil para análise. Nesta mesma linha de pensamento, J. Butler (2003) também compreende a questão do gênero como uma construção histórica cultural e não natural, que faz parte de um processo histórico.

Desta forma, este estudo terá como principal fonte de pesquisa a revista Placar e as fontes orais, onde a memória das ex-jogadoras de futebol de Picos foi importante para a reconstrução do passado recente. Para isso, utilizamos o método/técnica da História Oral, nos orientando pelos autores Sonia Maria de Freitas (2006) e Lucília de Almeida Neves Delgado (2006). Estes autores contribuíram de forma significativa para a compreensão do uso da memória como fonte de conhecimento histórico, dando possibilidade a valorização das experiências de sujeitos, dos grupos e suas trajetórias. Com esse intuito foram realizadas quatro entrevistas com as ex-jogadoras que fizeram parte da primeira equipe de futebol feminino de Picos, o *Sport Club Internacional*. São elas: Adalicia Luzia de Oliveira Ribeiro, Rita de Cassia de Jesus Monteiro, Rosangela Santiago Almeida e Sebastiana Luzia de Oliveira. Além das fontes orais, foi necessário utilizar como fontes de pesquisa alguns livros de esporte e educação física e matérias esportivas.

Dada à importância que o esporte alcançou no país, pretende-se fazer uma abordagem sobre o futebol, enfatizando a participação feminina nesta modalidade esportiva. Sendo assim, será considerada como se deu as primeiras participações de mulheres no futebol no mundo e no Brasil, ainda num período em que este esporte era visto como uma prática exclusiva para o sexo masculino. Embora seja difícil estabelecer aqui o período exato de quando o futebol feminino iniciou no Piauí, devido à quase inexistência de fontes que abordam o tema, considerou importante apresentar sua trajetória a partir da história do futebol. Contudo, contextualiza-se do futebol masculino no Piauí e também em Picos, a fim de compreender a entrada das mulheres picosenses no futebol e a formação de equipes profissionais nos anos 1980.

### **Entre o espaço privado e o público: o ingresso das mulheres nos campos de futebol**

Em 1896, as mulheres ficaram de fora dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna<sup>1</sup>, exclusivamente pela sua condição feminina. A participação das mulheres nessa competição só foi permitida a partir dos anos 1900. Jorge Dorfman Knijnik (2006) aponta que as primeiras mulheres no mundo que puderam participar dos Jogos Olímpicos eram, obrigatoriamente, submetidas a uma vistoria para garantir que eram de fato do sexo feminino. Na



sua tese intitulada *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*, o autor ainda explica que as mulheres eram coagidas a desfilar despidas para uma Comissão Analisadora, a qual as ajuizaria para comprovar o sexo feminino. Nota-se que, desde o início, a presença feminina em atividades esportivas não foi bem aceita, principalmente em relação ao futebol que era marcado historicamente como um espaço eminentemente masculino, onde o homem afirmava sua masculinidade e exibia todo o potencial de seu corpo.

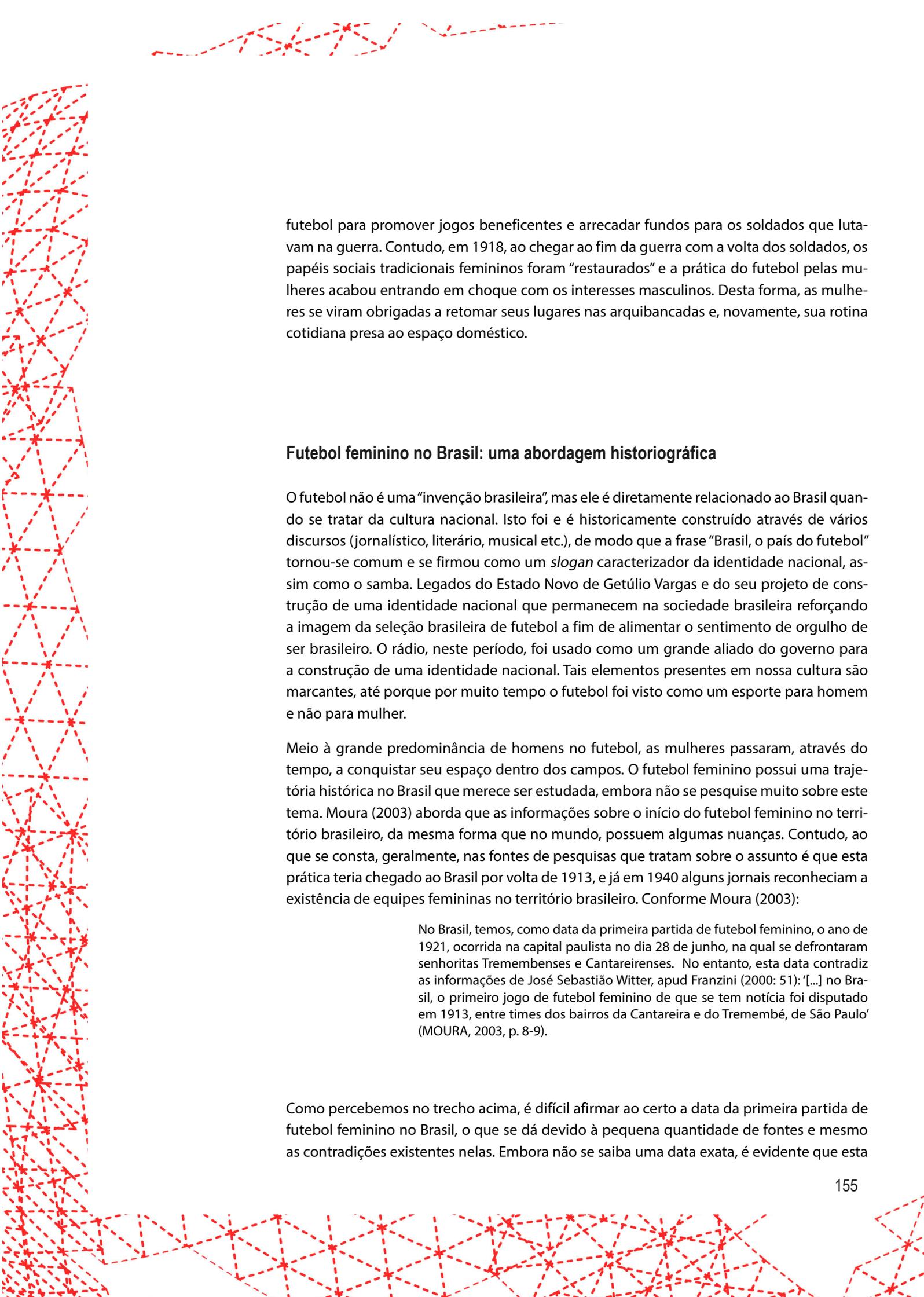
Apesar de o campo de futebol ter sido culturalmente caracterizado como um lugar para pessoas do sexo masculino, este fato não impediu por completo que as mulheres também se interessassem em praticar o esporte. Infelizmente, existem pouquíssimas fontes que abordam sobre as primeiras participações de mulheres no futebol, porém não são inexistentes.

Os autores que se propuseram a estudar sobre o tema não são unânimes sobre o período em que as mulheres começaram a praticar o futebol no mundo e no Brasil. Na obra intitulada *As relações entre lazer, futebol e gênero*, Moura (2003) apresenta algumas datas que marcariam o surgimento dos primeiros jogos de futebol disputados entre equipes femininas na Europa e aponta as discordâncias existentes nesse contexto:

Quando tomamos como base os dados da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), a data que surge é de 1880, quando, na Inglaterra, Nettie Honeyball organizou uma partida. No entanto, surge, no livro de Bill Murray (2000), a afirmação de que em 1895, em Crouch End (Londres), Nettie (e não Nettie, como aparece nos arquivos da FIFA) Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, que atraiu oito mil espectadores. Outra data, que aparece como da primeira partida oficial, é 1898, quando ocorre o jogo entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. Segundo Murray (2000), a febre futebolística tomou conta do público feminino e, com isso, já em 1902, houve a primeira retaliação da Federação Amadora Inglesa (FA), banindo tal futebol. Na França, os primeiros clubes femininos surgiram por volta de 1910 (MOURA, 2003, p.8).

Como podemos perceber os dados a respeito da primeira partida de futebol feminino no mundo são incertos. As fontes que tratam do tema são contraditórias e não chegam a um consenso sobre a data do primeiro jogo de futebol feminino. Contudo, pode-se afirmar que, no final do século XIX, as mulheres já estavam se familiarizando com a prática esportiva. De acordo com Moura (2003), no século XIX este esporte teria se popularizado entre as mulheres a ponto de ter sua prática proibida, o que nos leva a pensar o quanto foi rápida a assimilação deste esporte pelas mulheres.

Segundo Fábio Franzini (2005), no final da década de 1910 e início dos anos 1920 o futebol feminino alcançou um grande sucesso na Europa. Na Inglaterra, por exemplo, o esporte atingiu uma grande popularidade durante o período da Primeira Guerra Mundial, quando surgiu a necessidade dos homens deixarem os campos de futebol pelos campos de batalha. Nesta época, as mulheres tiveram necessariamente que assumir papéis que eram predominantemente masculinos. Movidas pela necessidade, essas mulheres formaram equipes de



futebol para promover jogos beneficentes e arrecadar fundos para os soldados que lutavam na guerra. Contudo, em 1918, ao chegar ao fim da guerra com a volta dos soldados, os papéis sociais tradicionais femininos foram “restaurados” e a prática do futebol pelas mulheres acabou entrando em choque com os interesses masculinos. Desta forma, as mulheres se viram obrigadas a retomar seus lugares nas arquibancadas e, novamente, sua rotina cotidiana presa ao espaço doméstico.

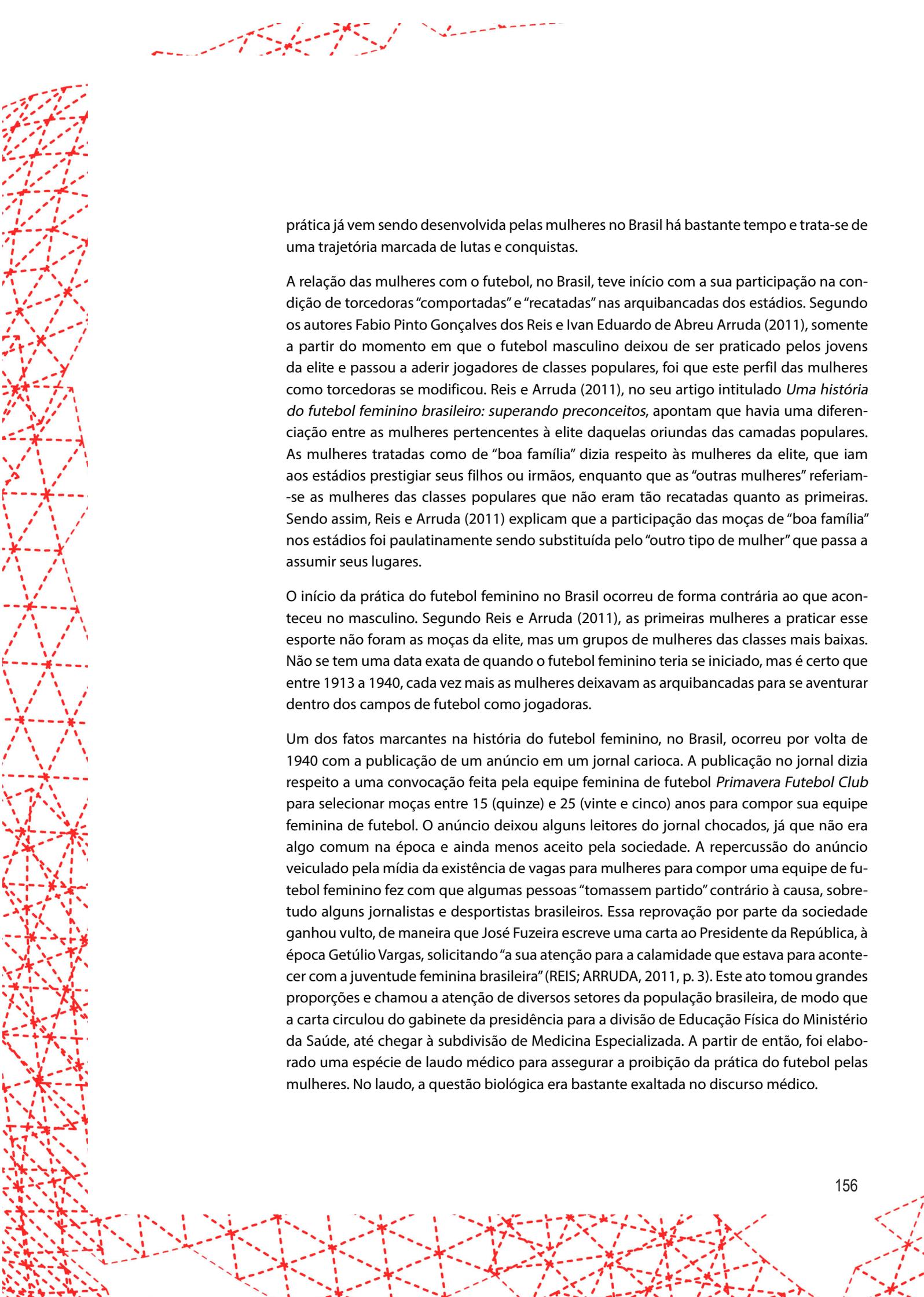
### **Futebol feminino no Brasil: uma abordagem historiográfica**

O futebol não é uma “invenção brasileira”, mas ele é diretamente relacionado ao Brasil quando se tratar da cultura nacional. Isto foi e é historicamente construído através de vários discursos (jornalístico, literário, musical etc.), de modo que a frase “Brasil, o país do futebol” tornou-se comum e se firmou como um *slogan* caracterizador da identidade nacional, assim como o samba. Legados do Estado Novo de Getúlio Vargas e do seu projeto de construção de uma identidade nacional que permanecem na sociedade brasileira reforçando a imagem da seleção brasileira de futebol a fim de alimentar o sentimento de orgulho de ser brasileiro. O rádio, neste período, foi usado como um grande aliado do governo para a construção de uma identidade nacional. Tais elementos presentes em nossa cultura são marcantes, até porque por muito tempo o futebol foi visto como um esporte para homem e não para mulher.

Meio à grande predominância de homens no futebol, as mulheres passaram, através do tempo, a conquistar seu espaço dentro dos campos. O futebol feminino possui uma trajetória histórica no Brasil que merece ser estudada, embora não se pesquise muito sobre este tema. Moura (2003) aborda que as informações sobre o início do futebol feminino no território brasileiro, da mesma forma que no mundo, possuem algumas nuances. Contudo, ao que se consta, geralmente, nas fontes de pesquisas que tratam sobre o assunto é que esta prática teria chegado ao Brasil por volta de 1913, e já em 1940 alguns jornais reconheciam a existência de equipes femininas no território brasileiro. Conforme Moura (2003):

No Brasil, temos, como data da primeira partida de futebol feminino, o ano de 1921, ocorrida na capital paulista no dia 28 de junho, na qual se defrontaram senhoritas Tremembenses e Cantareirenses. No entanto, esta data contradiz as informações de José Sebastião Witter, apud Franzini (2000: 51): “[...] no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo” (MOURA, 2003, p. 8-9).

Como percebemos no trecho acima, é difícil afirmar ao certo a data da primeira partida de futebol feminino no Brasil, o que se dá devido à pequena quantidade de fontes e mesmo as contradições existentes nelas. Embora não se saiba uma data exata, é evidente que esta

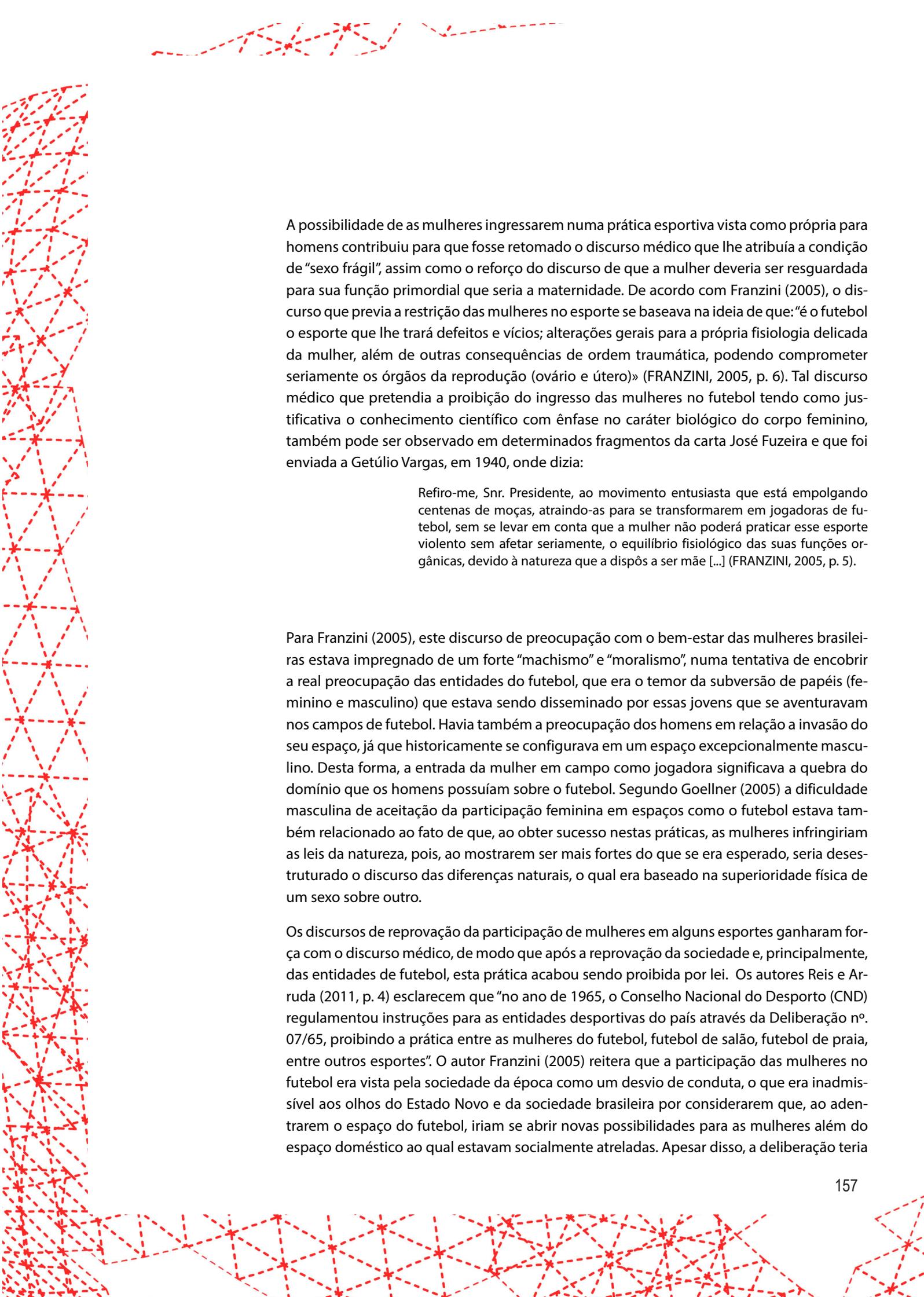


prática já vem sendo desenvolvida pelas mulheres no Brasil há bastante tempo e trata-se de uma trajetória marcada de lutas e conquistas.

A relação das mulheres com o futebol, no Brasil, teve início com a sua participação na condição de torcedoras “comportadas” e “recatadas” nas arquibancadas dos estádios. Segundo os autores Fabio Pinto Gonçalves dos Reis e Ivan Eduardo de Abreu Arruda (2011), somente a partir do momento em que o futebol masculino deixou de ser praticado pelos jovens da elite e passou a aderir jogadores de classes populares, foi que este perfil das mulheres como torcedoras se modificou. Reis e Arruda (2011), no seu artigo intitulado *Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos*, apontam que havia uma diferenciação entre as mulheres pertencentes à elite daquelas oriundas das camadas populares. As mulheres tratadas como de “boa família” dizia respeito às mulheres da elite, que iam aos estádios prestigiar seus filhos ou irmãos, enquanto que as “outras mulheres” referiam-se as mulheres das classes populares que não eram tão recatadas quanto as primeiras. Sendo assim, Reis e Arruda (2011) explicam que a participação das moças de “boa família” nos estádios foi paulatinamente sendo substituída pelo “outro tipo de mulher” que passa a assumir seus lugares.

O início da prática do futebol feminino no Brasil ocorreu de forma contrária ao que aconteceu no masculino. Segundo Reis e Arruda (2011), as primeiras mulheres a praticar esse esporte não foram as moças da elite, mas um grupo de mulheres das classes mais baixas. Não se tem uma data exata de quando o futebol feminino teria se iniciado, mas é certo que entre 1913 a 1940, cada vez mais as mulheres deixavam as arquibancadas para se aventurar dentro dos campos de futebol como jogadoras.

Um dos fatos marcantes na história do futebol feminino, no Brasil, ocorreu por volta de 1940 com a publicação de um anúncio em um jornal carioca. A publicação no jornal dizia respeito a uma convocação feita pela equipe feminina de futebol *Primavera Futebol Club* para selecionar moças entre 15 (quinze) e 25 (vinte e cinco) anos para compor sua equipe feminina de futebol. O anúncio deixou alguns leitores do jornal chocados, já que não era algo comum na época e ainda menos aceito pela sociedade. A repercussão do anúncio veiculado pela mídia da existência de vagas para mulheres para compor uma equipe de futebol feminino fez com que algumas pessoas “tomassem partido” contrário à causa, sobretudo alguns jornalistas e desportistas brasileiros. Essa reprovação por parte da sociedade ganhou vulto, de maneira que José Fuzeira escreve uma carta ao Presidente da República, à época Getúlio Vargas, solicitando “a sua atenção para a calamidade que estava para acontecer com a juventude feminina brasileira” (REIS; ARRUDA, 2011, p. 3). Este ato tomou grandes proporções e chamou a atenção de diversos setores da população brasileira, de modo que a carta circulou do gabinete da presidência para a divisão de Educação Física do Ministério da Saúde, até chegar à subdivisão de Medicina Especializada. A partir de então, foi elaborado uma espécie de laudo médico para assegurar a proibição da prática do futebol pelas mulheres. No laudo, a questão biológica era bastante exaltada no discurso médico.

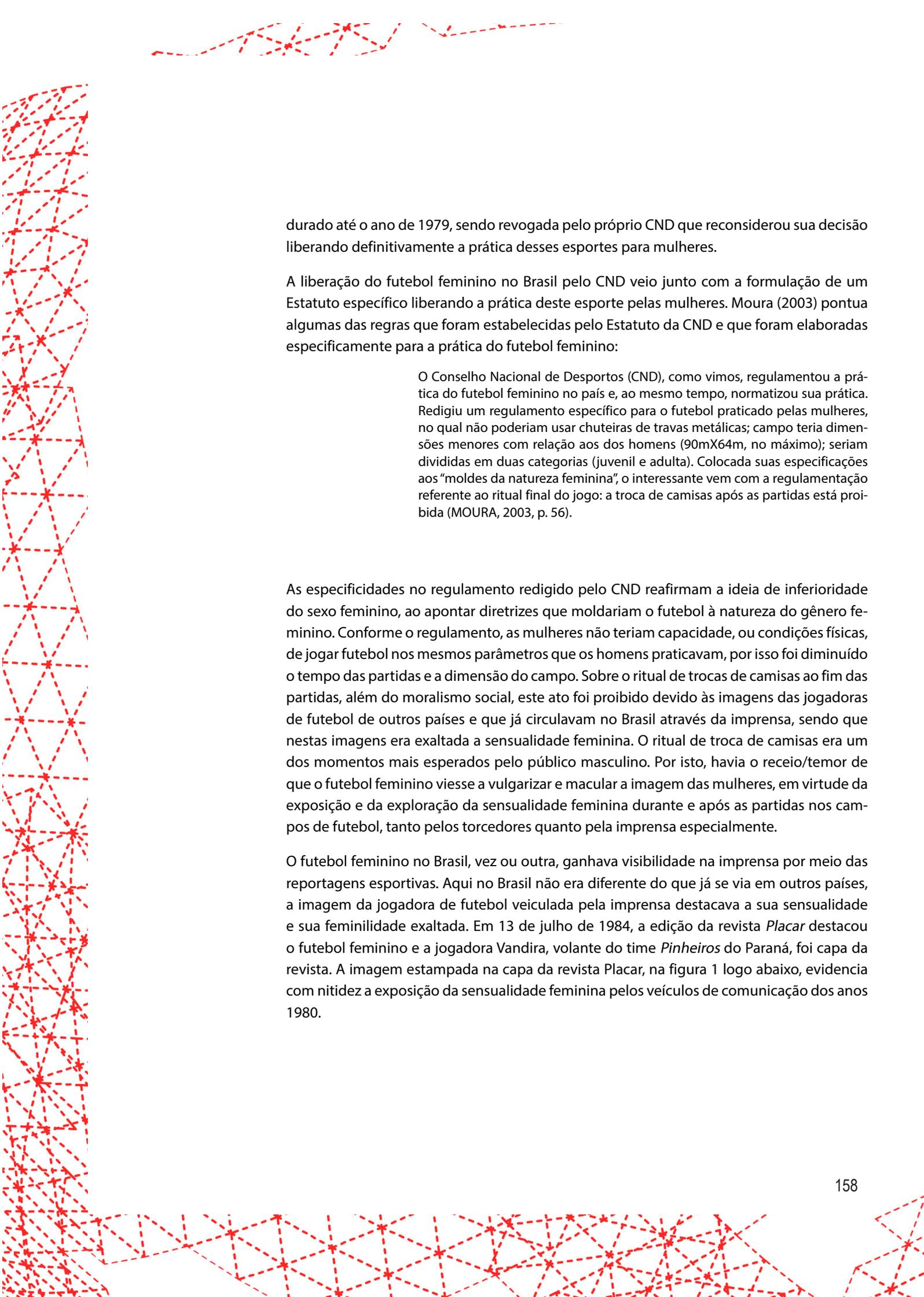


A possibilidade de as mulheres ingressarem numa prática esportiva vista como própria para homens contribuiu para que fosse retomado o discurso médico que lhe atribuía a condição de “sexo frágil”, assim como o reforço do discurso de que a mulher deveria ser resguardada para sua função primordial que seria a maternidade. De acordo com Franzini (2005), o discurso que previa a restrição das mulheres no esporte se baseava na ideia de que: “é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero)” (FRANZINI, 2005, p. 6). Tal discurso médico que pretendia a proibição do ingresso das mulheres no futebol tendo como justificativa o conhecimento científico com ênfase no caráter biológico do corpo feminino, também pode ser observado em determinados fragmentos da carta José Fuzeira e que foi enviada a Getúlio Vargas, em 1940, onde dizia:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe [...] (FRANZINI, 2005, p. 5).

Para Franzini (2005), este discurso de preocupação com o bem-estar das mulheres brasileiras estava impregnado de um forte “machismo” e “moralismo”, numa tentativa de encobrir a real preocupação das entidades do futebol, que era o temor da subversão de papéis (feminino e masculino) que estava sendo disseminado por essas jovens que se aventuravam nos campos de futebol. Havia também a preocupação dos homens em relação a invasão do seu espaço, já que historicamente se configurava em um espaço excepcionalmente masculino. Desta forma, a entrada da mulher em campo como jogadora significava a quebra do domínio que os homens possuíam sobre o futebol. Segundo Goellner (2005) a dificuldade masculina de aceitação da participação feminina em espaços como o futebol estava também relacionado ao fato de que, ao obter sucesso nestas práticas, as mulheres infringiriam as leis da natureza, pois, ao mostrarem ser mais fortes do que se era esperado, seria desestruturado o discurso das diferenças naturais, o qual era baseado na superioridade física de um sexo sobre outro.

Os discursos de reprovação da participação de mulheres em alguns esportes ganharam força com o discurso médico, de modo que após a reprovação da sociedade e, principalmente, das entidades de futebol, esta prática acabou sendo proibida por lei. Os autores Reis e Arruda (2011, p. 4) esclarecem que “no ano de 1965, o Conselho Nacional do Desporto (CND) regulamentou instruções para as entidades desportivas do país através da Deliberação nº. 07/65, proibindo a prática entre as mulheres do futebol, futebol de salão, futebol de praia, entre outros esportes”. O autor Franzini (2005) reitera que a participação das mulheres no futebol era vista pela sociedade da época como um desvio de conduta, o que era inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira por considerarem que, ao adentrarem o espaço do futebol, iriam se abrir novas possibilidades para as mulheres além do espaço doméstico ao qual estavam socialmente atreladas. Apesar disso, a deliberação teria



durado até o ano de 1979, sendo revogada pelo próprio CND que reconsiderou sua decisão liberando definitivamente a prática desses esportes para mulheres.

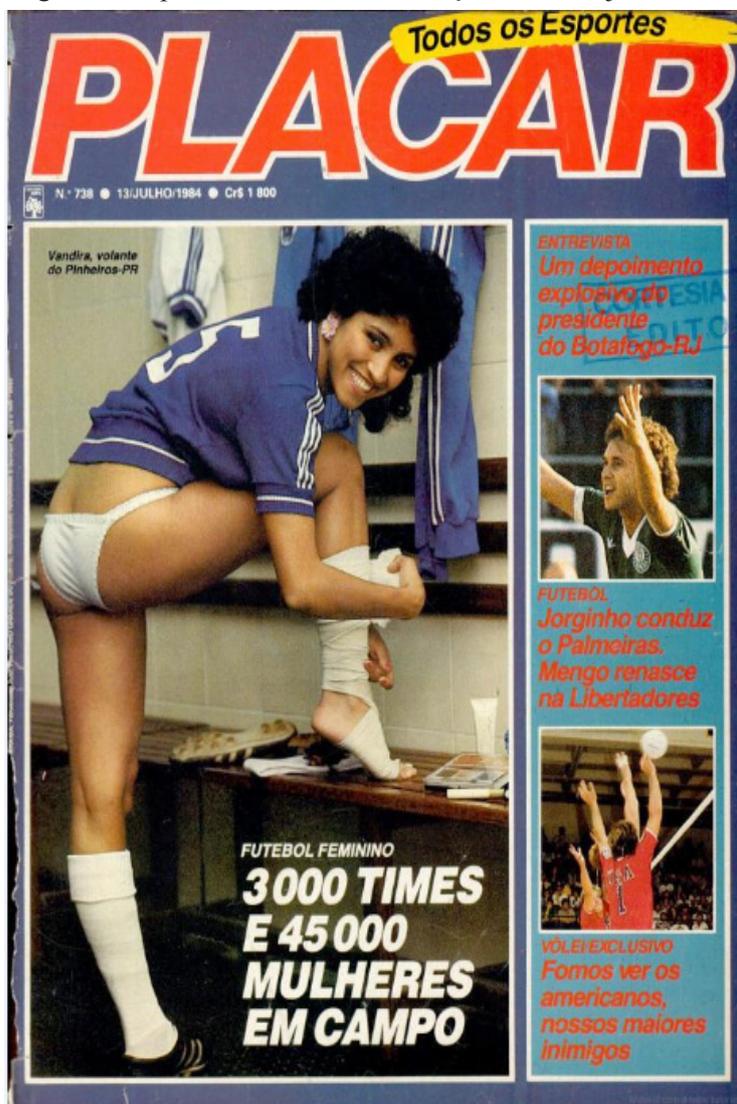
A liberação do futebol feminino no Brasil pelo CND veio junto com a formulação de um Estatuto específico liberando a prática deste esporte pelas mulheres. Moura (2003) pontua algumas das regras que foram estabelecidas pelo Estatuto da CND e que foram elaboradas especificamente para a prática do futebol feminino:

O Conselho Nacional de Desportos (CND), como vimos, regulamentou a prática do futebol feminino no país e, ao mesmo tempo, normatizou sua prática. Redigiu um regulamento específico para o futebol praticado pelas mulheres, no qual não poderiam usar chuteiras de travas metálicas; campo teria dimensões menores com relação aos dos homens (90mX64m, no máximo); seriam divididas em duas categorias (juvenil e adulta). Colocada suas especificações aos “moldes da natureza feminina”, o interessante vem com a regulamentação referente ao ritual final do jogo: a troca de camisas após as partidas está proibida (MOURA, 2003, p. 56).

As especificidades no regulamento redigido pelo CND reafirmam a ideia de inferioridade do sexo feminino, ao apontar diretrizes que moldariam o futebol à natureza do gênero feminino. Conforme o regulamento, as mulheres não teriam capacidade, ou condições físicas, de jogar futebol nos mesmos parâmetros que os homens praticavam, por isso foi diminuído o tempo das partidas e a dimensão do campo. Sobre o ritual de trocas de camisas ao fim das partidas, além do moralismo social, este ato foi proibido devido às imagens das jogadoras de futebol de outros países e que já circulavam no Brasil através da imprensa, sendo que nestas imagens era exaltada a sensualidade feminina. O ritual de troca de camisas era um dos momentos mais esperados pelo público masculino. Por isto, havia o receio/temor de que o futebol feminino viesse a vulgarizar e macular a imagem das mulheres, em virtude da exposição e da exploração da sensualidade feminina durante e após as partidas nos campos de futebol, tanto pelos torcedores quanto pela imprensa especialmente.

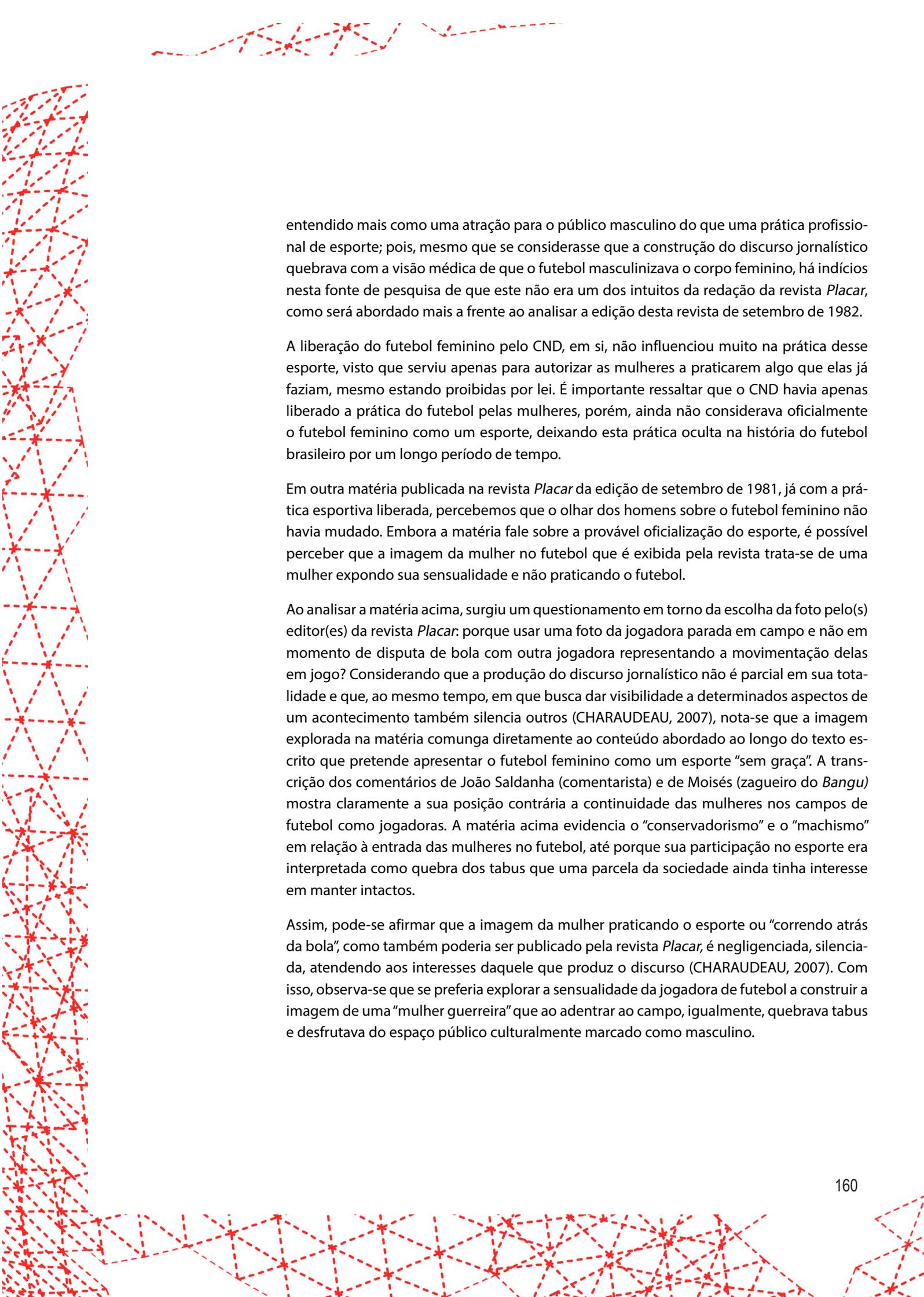
O futebol feminino no Brasil, vez ou outra, ganhava visibilidade na imprensa por meio das reportagens esportivas. Aqui no Brasil não era diferente do que já se via em outros países, a imagem da jogadora de futebol veiculada pela imprensa destacava a sua sensualidade e sua feminilidade exaltada. Em 13 de julho de 1984, a edição da revista *Placar* destacou o futebol feminino e a jogadora Vandira, volante do time *Pinheiros* do Paraná, foi capa da revista. A imagem estampada na capa da revista *Placar*, na figura 1 logo abaixo, evidencia com nitidez a exposição da sensualidade feminina pelos veículos de comunicação dos anos 1980.

Figura 1: Capa da revista *Placar*. Edição de 13 de julho 1984.



Fonte: Revista Placar/1984.

Como é possível perceber, meio a todo o contexto que envolve a prática do futebol pelas mulheres e com crescimento de equipes femininas no Brasil, nos anos 1980, a imagem das jogadoras que era veiculada na imprensa acabava deixando esses aspectos num segundo plano para dar visibilidade à sensualidade feminina, que não correspondia diretamente ao propósito da maioria das mulheres que praticavam o futebol naquele período. Nesta edição da revista *Placar*, de 13 de julho de 1984, as matérias sobre o futebol feminino recebiam títulos bem sugestivos como, por exemplo, “O charme vai à campo” e enfocava as musas do futebol da época. Pode-se inferir que a exposição da sensualidade e da feminilidade da mulher pela imprensa deixava claro o olhar machista sobre o futebol feminino que era



entendido mais como uma atração para o público masculino do que uma prática profissional de esporte; pois, mesmo que se considerasse que a construção do discurso jornalístico quebrava com a visão médica de que o futebol masculinizava o corpo feminino, há indícios nesta fonte de pesquisa de que este não era um dos intuitos da redação da revista *Placar*, como será abordado mais a frente ao analisar a edição desta revista de setembro de 1982.

A liberação do futebol feminino pelo CND, em si, não influenciou muito na prática desse esporte, visto que serviu apenas para autorizar as mulheres a praticarem algo que elas já faziam, mesmo estando proibidas por lei. É importante ressaltar que o CND havia apenas liberado a prática do futebol pelas mulheres, porém, ainda não considerava oficialmente o futebol feminino como um esporte, deixando esta prática oculta na história do futebol brasileiro por um longo período de tempo.

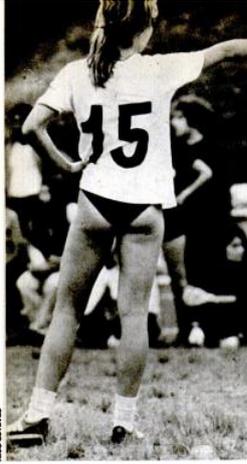
Em outra matéria publicada na revista *Placar* da edição de setembro de 1981, já com a prática esportiva liberada, percebemos que o olhar dos homens sobre o futebol feminino não havia mudado. Embora a matéria fale sobre a provável oficialização do esporte, é possível perceber que a imagem da mulher no futebol que é exibida pela revista trata-se de uma mulher expondo sua sensualidade e não praticando o futebol.

Ao analisar a matéria acima, surgiu um questionamento em torno da escolha da foto pelo(s) editor(es) da revista *Placar*: porque usar uma foto da jogadora parada em campo e não em momento de disputa de bola com outra jogadora representando a movimentação delas em jogo? Considerando que a produção do discurso jornalístico não é parcial em sua totalidade e que, ao mesmo tempo, em que busca dar visibilidade a determinados aspectos de um acontecimento também silencia outros (CHARAUDEAU, 2007), nota-se que a imagem explorada na matéria comunga diretamente ao conteúdo abordado ao longo do texto escrito que pretende apresentar o futebol feminino como um esporte “sem graça”. A transcrição dos comentários de João Saldanha (comentarista) e de Moisés (zagueiro do *Bangu*) mostra claramente a sua posição contrária a continuidade das mulheres nos campos de futebol como jogadoras. A matéria acima evidencia o “conservadorismo” e o “machismo” em relação à entrada das mulheres no futebol, até porque sua participação no esporte era interpretada como quebra dos tabus que uma parcela da sociedade ainda tinha interesse em manter intactos.

Assim, pode-se afirmar que a imagem da mulher praticando o esporte ou “correndo atrás da bola”, como também poderia ser publicado pela revista *Placar*, é negligenciada, silenciada, atendendo aos interesses daquele que produz o discurso (CHARAUDEAU, 2007). Com isso, observa-se que se preferia explorar a sensualidade da jogadora de futebol a construir a imagem de uma “mulher guerreira” que ao adentrar ao campo, igualmente, quebrava tabus e desfrutava do espaço público culturalmente marcado como masculino.

Figura 2: Matéria "Futebol feminino: As mulheres atacam". Revista Placar, edição de setembro de 1981 (p. 32).

Fonte: Revista Placar/setembro de 1981



MOO BERTINI

**Futebol feminino** Na Europa, crescem as

# AS MULHERES ATACAM

**Futebol feminino não tem graça e ainda masculiniza a mulher. Apesar dessas críticas, no Brasil como no exterior as moças continuam a bater sua bolinha, certas de que mais um tabu está prestes a cair**

**Palhinha propõe: fora com as pernas-de-pau**

— A qualidade do espetáculo é sempre baixa: elas são duras de cintura. Mas o ponta-de-lança Palhinha tem uma solução para o problema — de resto, aplicável a qualquer time de marmanjos: — É só não escalar as pernas-de-



**P**ressionada por dirigentes de várias federações nacionais, a poderosa UEFA (União Europeia de Futebol) está cada dia mais próxima de uma histórica decisão: reconhecer oficialmente o futebol feminino, cuja popularidade cresce na Europa com espantosa rapidez. Uma vez adotada pela UEFA, é bastante provável que a medida seja imitada também pela FIFA — e, neste caso, com reflexos imediatos no Brasil. Afinal, como informa o general César Montagna, presidente do Conselho Nacional de Desportos, "a prática do futebol feminino, hoje proibida, será liberada automaticamente a partir do momento em que a FIFA assim determinar e a CBF nos comunicar".

A liberação — por ora restrita ao nebuloso terreno das especulações — está longe de encerrar a polêmica sobre a conveniência ou não de se oficializar e estimular o futebol feminino na terra do futebol. Ao contrário, só serve para acirrar ainda mais os debates. O comentarista João Saldanha, por exemplo, é taxativo:

— Sou contra, porque acaba se transformando num esporte híbrido: não tem

nem a graça feminina, nem a virilidade masculina que caracteriza o futebol.

O general Montagna — cuja filha, Noêmia, semanalmente bate sua bolinha no Week-End Club, em Teresópolis (RJ) — concorda com Saldanha, esgrimindo argumentos ainda mais fortes.

Afê você vai ver se dá ou não dá jogo bom.

O centroavante Reinaldo confessa que ele mesmo iria a um campo para ver "um jogo de mulheres" — mas essa é uma visão liberal demais para os padrões conservadores do zagueiro do Bangu, Moisés, que decreta:

— Mulher que se preza não fica correndo atrás da bola, tem outros afazeres mais importantes e atraentes.

Rução, chefe da Folgada, torcida organizada do Botafogo, vai além:

— Mulher não nasceu pra isso. Fica uma coisa horrível, sem graça. Além disso, já pensou depois do jogo a gente ter que abraçar mocinhas cheias de músculos? Pra mim, mulher tem que ser feminina — não deveria jogar nem voleibol, pau.

**FALA, LEITOR!**

Quer que você também participe desta discussão. Responda às duas perguntas abaixo, destaque o cupom e o endereço para Rua do Curtume, 635, caixa postal 2372, CEP 01000, São Paulo, SP

**Você é a favor do futebol feminino?**

SIM  NÃO

**Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar entre dois times de mulheres?**

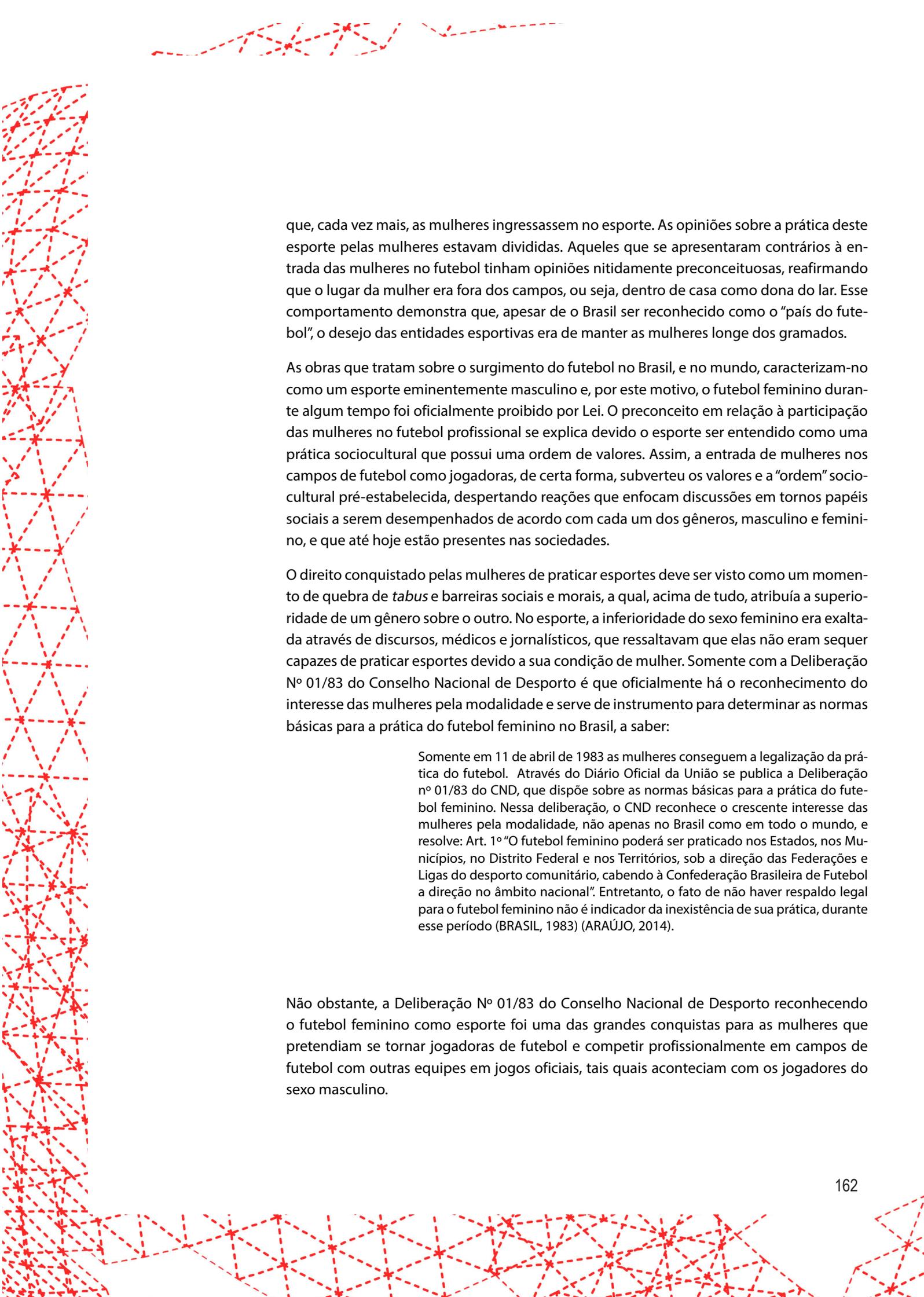
SIM  NÃO

Nome .....

sexo ..... idade .....

32 PLACAR

Ainda que, em 1981, o futebol feminino fosse legalizado, ele não era reconhecido como esporte. Nesta época, se travava uma luta junto às entidades do futebol como, por exemplo, a FIFA, para que fosse oficializado e legitimado. Como podemos perceber na matéria da revista Placar de setembro de 1981, havia uma preocupação acerca da oficialização do futebol feminino, por considerarem que a liberação oficial representaria um estímulo para



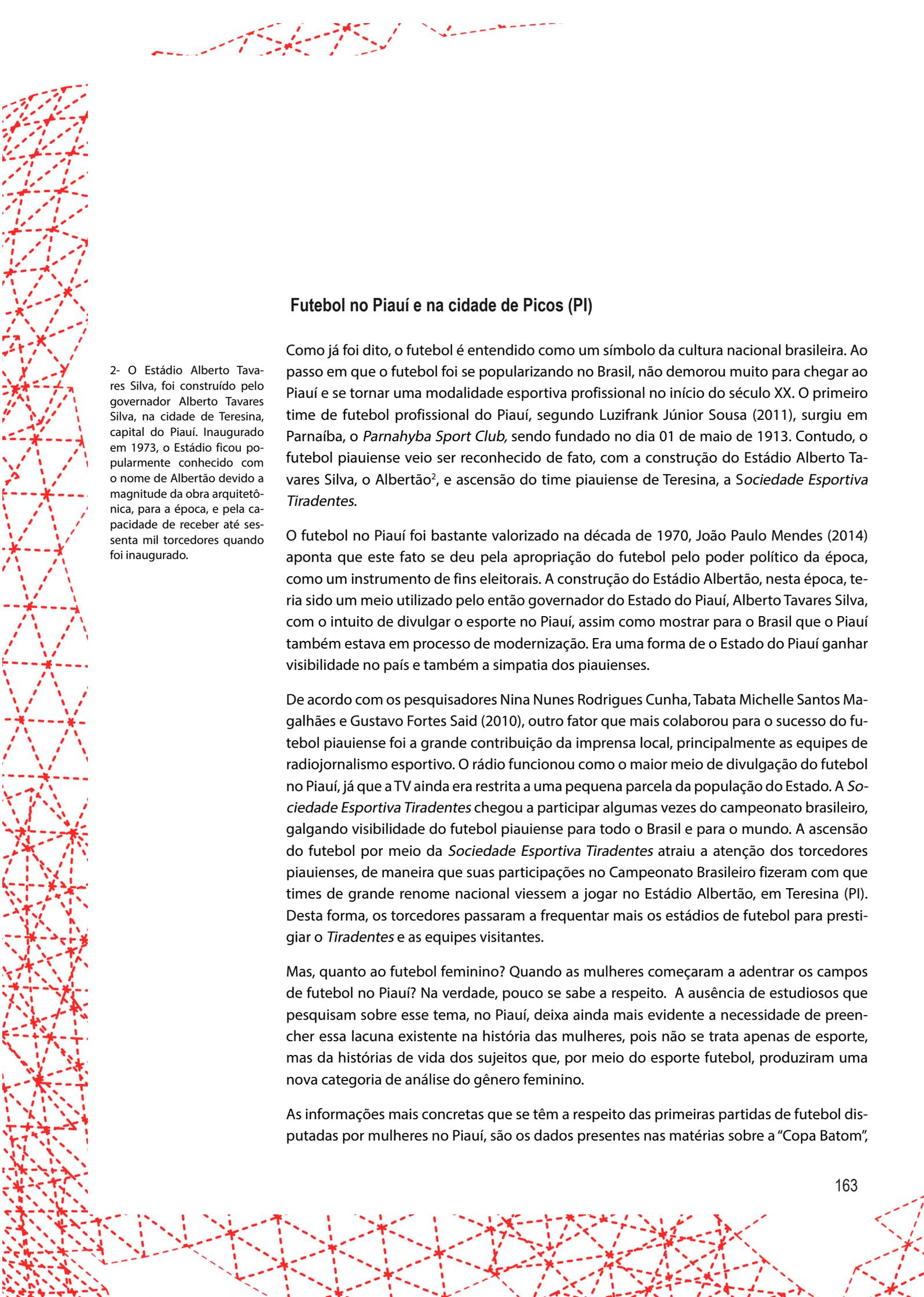
que, cada vez mais, as mulheres ingressassem no esporte. As opiniões sobre a prática deste esporte pelas mulheres estavam divididas. Aqueles que se apresentaram contrários à entrada das mulheres no futebol tinham opiniões nitidamente preconceituosas, reafirmando que o lugar da mulher era fora dos campos, ou seja, dentro de casa como dona do lar. Esse comportamento demonstra que, apesar de o Brasil ser reconhecido como o “país do futebol”, o desejo das entidades esportivas era de manter as mulheres longe dos gramados.

As obras que tratam sobre o surgimento do futebol no Brasil, e no mundo, caracterizam-no como um esporte eminentemente masculino e, por este motivo, o futebol feminino durante algum tempo foi oficialmente proibido por Lei. O preconceito em relação à participação das mulheres no futebol profissional se explica devido o esporte ser entendido como uma prática sociocultural que possui uma ordem de valores. Assim, a entrada de mulheres nos campos de futebol como jogadoras, de certa forma, subverteu os valores e a “ordem” sociocultural pré-estabelecida, despertando reações que enfocam discussões em torno papéis sociais a serem desempenhados de acordo com cada um dos gêneros, masculino e feminino, e que até hoje estão presentes nas sociedades.

O direito conquistado pelas mulheres de praticar esportes deve ser visto como um momento de quebra de *tabus* e barreiras sociais e morais, a qual, acima de tudo, atribuía a superioridade de um gênero sobre o outro. No esporte, a inferioridade do sexo feminino era exaltada através de discursos, médicos e jornalísticos, que ressaltavam que elas não eram sequer capazes de praticar esportes devido a sua condição de mulher. Somente com a Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto é que oficialmente há o reconhecimento do interesse das mulheres pela modalidade e serve de instrumento para determinar as normas básicas para a prática do futebol feminino no Brasil, a saber:

Somente em 11 de abril de 1983 as mulheres conseguem a legalização da prática do futebol. Através do Diário Oficial da União se publica a Deliberação nº 01/83 do CND, que dispõe sobre as normas básicas para a prática do futebol feminino. Nessa deliberação, o CND reconhece o crescente interesse das mulheres pela modalidade, não apenas no Brasil como em todo o mundo, e resolve: Art. 1º “O futebol feminino poderá ser praticado nos Estados, nos Municípios, no Distrito Federal e nos Territórios, sob a direção das Federações e Ligas do desporto comunitário, cabendo à Confederação Brasileira de Futebol a direção no âmbito nacional”. Entretanto, o fato de não haver respaldo legal para o futebol feminino não é indicador da inexistência de sua prática, durante esse período (BRASIL, 1983) (ARAÚJO, 2014).

Não obstante, a Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto reconhecendo o futebol feminino como esporte foi uma das grandes conquistas para as mulheres que pretendiam se tornar jogadoras de futebol e competir profissionalmente em campos de futebol com outras equipes em jogos oficiais, tais quais aconteciam com os jogadores do sexo masculino.



2- O Estádio Alberto Tavares Silva, foi construído pelo governador Alberto Tavares Silva, na cidade de Teresina, capital do Piauí. Inaugurado em 1973, o Estádio ficou popularmente conhecido com o nome de Albertão devido a magnitude da obra arquitetônica, para a época, e pela capacidade de receber até sessenta mil torcedores quando foi inaugurado.

## Futebol no Piauí e na cidade de Picos (PI)

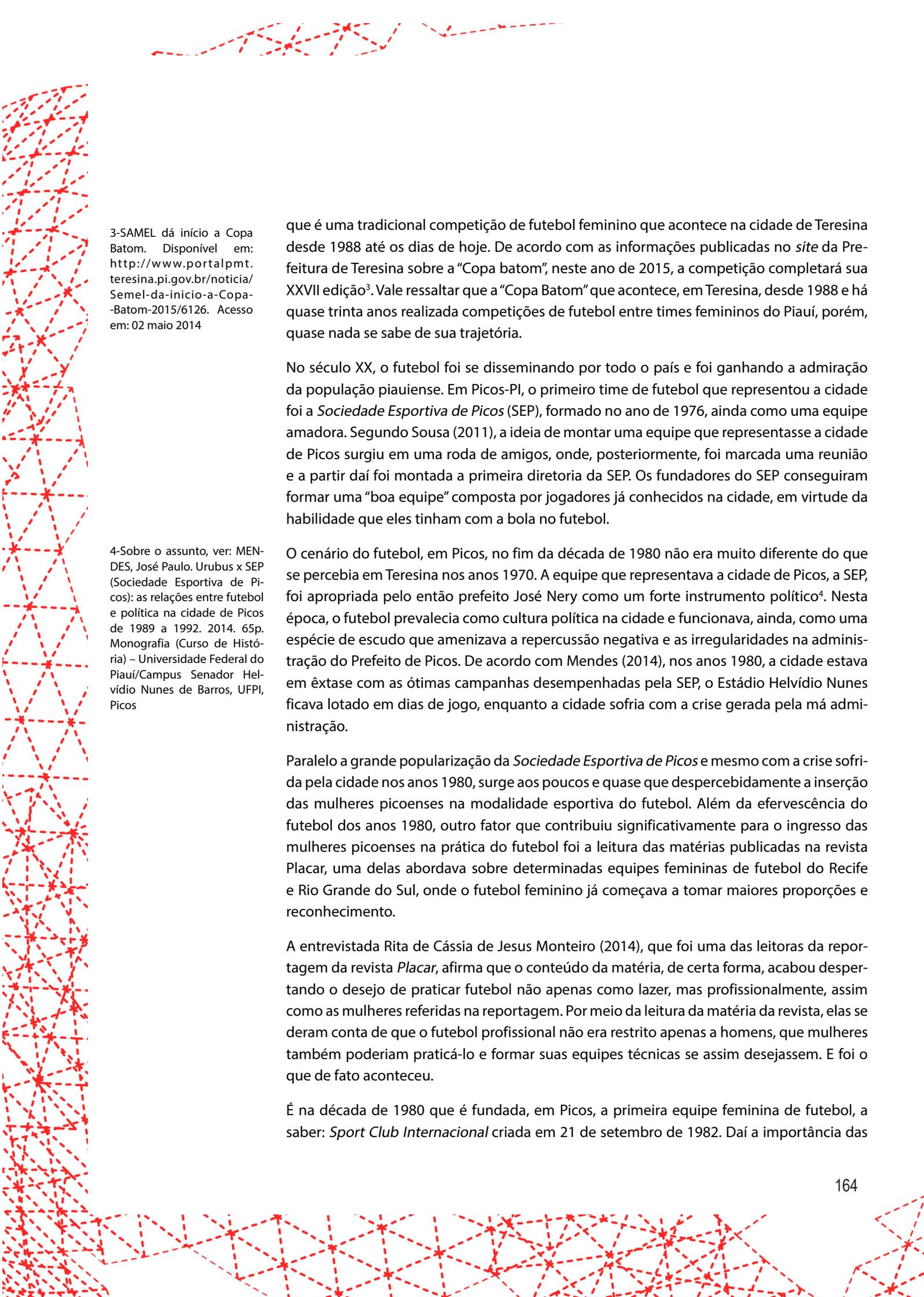
Como já foi dito, o futebol é entendido como um símbolo da cultura nacional brasileira. Ao passo em que o futebol foi se popularizando no Brasil, não demorou muito para chegar ao Piauí e se tornar uma modalidade esportiva profissional no início do século XX. O primeiro time de futebol profissional do Piauí, segundo Luzifrank Júnior Sousa (2011), surgiu em Parnaíba, o *Parnahyba Sport Club*, sendo fundado no dia 01 de maio de 1913. Contudo, o futebol piauiense veio ser reconhecido de fato, com a construção do Estádio Alberto Tavares Silva, o Albertão<sup>2</sup>, e ascensão do time piauiense de Teresina, a *Sociedade Esportiva Tiradentes*.

O futebol no Piauí foi bastante valorizado na década de 1970, João Paulo Mendes (2014) aponta que este fato se deu pela apropriação do futebol pelo poder político da época, como um instrumento de fins eleitorais. A construção do Estádio Albertão, nesta época, teria sido um meio utilizado pelo então governador do Estado do Piauí, Alberto Tavares Silva, com o intuito de divulgar o esporte no Piauí, assim como mostrar para o Brasil que o Piauí também estava em processo de modernização. Era uma forma de o Estado do Piauí ganhar visibilidade no país e também a simpatia dos piauienses.

De acordo com os pesquisadores Nina Nunes Rodrigues Cunha, Tabata Michelle Santos Magalhães e Gustavo Fortes Said (2010), outro fator que mais colaborou para o sucesso do futebol piauiense foi a grande contribuição da imprensa local, principalmente as equipes de radiojornalismo esportivo. O rádio funcionou como o maior meio de divulgação do futebol no Piauí, já que a TV ainda era restrita a uma pequena parcela da população do Estado. A *Sociedade Esportiva Tiradentes* chegou a participar algumas vezes do campeonato brasileiro, galgando visibilidade do futebol piauiense para todo o Brasil e para o mundo. A ascensão do futebol por meio da *Sociedade Esportiva Tiradentes* atraiu a atenção dos torcedores piauienses, de maneira que suas participações no Campeonato Brasileiro fizeram com que times de grande renome nacional viessem a jogar no Estádio Albertão, em Teresina (PI). Desta forma, os torcedores passaram a frequentar mais os estádios de futebol para prestigiar o *Tiradentes* e as equipes visitantes.

Mas, quanto ao futebol feminino? Quando as mulheres começaram a adentrar os campos de futebol no Piauí? Na verdade, pouco se sabe a respeito. A ausência de estudiosos que pesquisam sobre esse tema, no Piauí, deixa ainda mais evidente a necessidade de preencher essa lacuna existente na história das mulheres, pois não se trata apenas de esporte, mas das histórias de vida dos sujeitos que, por meio do esporte futebol, produziram uma nova categoria de análise do gênero feminino.

As informações mais concretas que se têm a respeito das primeiras partidas de futebol disputadas por mulheres no Piauí, são os dados presentes nas matérias sobre a “Copa Batom”,



3-SAMEL dá início a Copa Batom. Disponível em: <http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/noticia/Semel-da-inicio-a-Copa-Batom-2015/6126>. Acesso em: 02 maio 2014

4-Sobre o assunto, ver: MENDES, José Paulo. Urubus x SEP (Sociedade Esportiva de Picos): as relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. 2014. 65p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos

que é uma tradicional competição de futebol feminino que acontece na cidade de Teresina desde 1988 até os dias de hoje. De acordo com as informações publicadas no *site* da Prefeitura de Teresina sobre a “Copa batom”, neste ano de 2015, a competição completará sua XXVII edição<sup>3</sup>. Vale ressaltar que a “Copa Batom” que acontece, em Teresina, desde 1988 e há quase trinta anos realizada competições de futebol entre times femininos do Piauí, porém, quase nada se sabe de sua trajetória.

No século XX, o futebol foi se disseminando por todo o país e foi ganhando a admiração da população piauiense. Em Picos-PI, o primeiro time de futebol que representou a cidade foi a *Sociedade Esportiva de Picos* (SEP), formado no ano de 1976, ainda como uma equipe amadora. Segundo Sousa (2011), a ideia de montar uma equipe que representasse a cidade de Picos surgiu em uma roda de amigos, onde, posteriormente, foi marcada uma reunião e a partir daí foi montada a primeira diretoria da SEP. Os fundadores do SEP conseguiram formar uma “boa equipe” composta por jogadores já conhecidos na cidade, em virtude da habilidade que eles tinham com a bola no futebol.

O cenário do futebol, em Picos, no fim da década de 1980 não era muito diferente do que se percebia em Teresina nos anos 1970. A equipe que representava a cidade de Picos, a SEP, foi apropriada pelo então prefeito José Nery como um forte instrumento político<sup>4</sup>. Nesta época, o futebol prevalecia como cultura política na cidade e funcionava, ainda, como uma espécie de escudo que amenizava a repercussão negativa e as irregularidades na administração do Prefeito de Picos. De acordo com Mendes (2014), nos anos 1980, a cidade estava em êxtase com as ótimas campanhas desempenhadas pela SEP, o Estádio Helvídio Nunes ficava lotado em dias de jogo, enquanto a cidade sofria com a crise gerada pela má administração.

Paralelo a grande popularização da *Sociedade Esportiva de Picos* e mesmo com a crise sofrida pela cidade nos anos 1980, surge aos poucos e quase que despercebidamente a inserção das mulheres picoenses na modalidade esportiva do futebol. Além da efervescência do futebol dos anos 1980, outro fator que contribuiu significativamente para o ingresso das mulheres picoenses na prática do futebol foi a leitura das matérias publicadas na revista *Placar*, uma delas abordava sobre determinadas equipes femininas de futebol do Recife e Rio Grande do Sul, onde o futebol feminino já começava a tomar maiores proporções e reconhecimento.

A entrevistada Rita de Cássia de Jesus Monteiro (2014), que foi uma das leitoras da reportagem da revista *Placar*, afirma que o conteúdo da matéria, de certa forma, acabou despertando o desejo de praticar futebol não apenas como lazer, mas profissionalmente, assim como as mulheres referidas na reportagem. Por meio da leitura da matéria da revista, elas se deram conta de que o futebol profissional não era restrito apenas a homens, que mulheres também poderiam praticá-lo e formar suas equipes técnicas se assim desejassem. E foi o que de fato aconteceu.

É na década de 1980 que é fundada, em Picos, a primeira equipe feminina de futebol, a saber: *Sport Club Internacional* criada em 21 de setembro de 1982. Daí a importância das



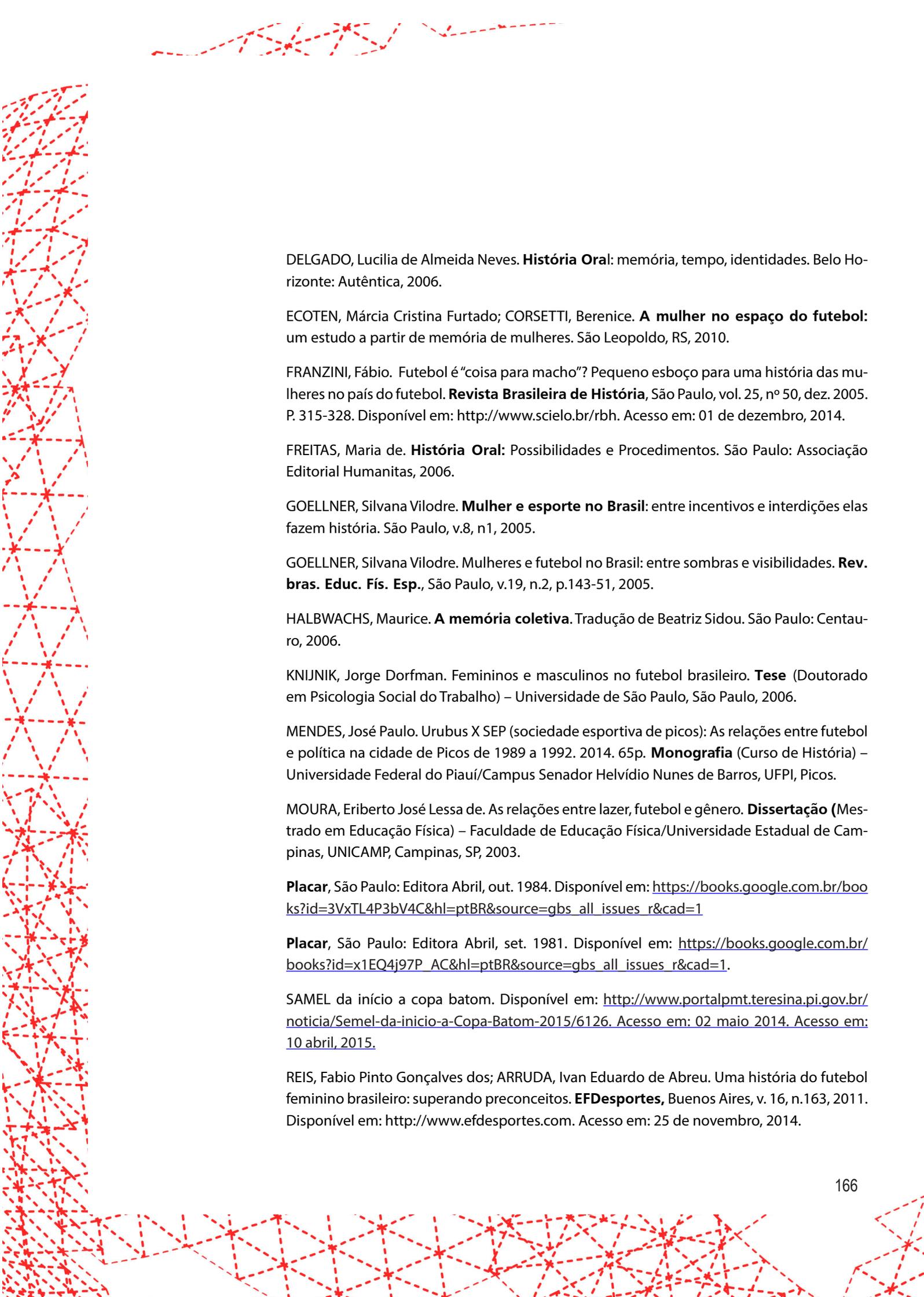
entrevistas com algumas das ex-jogadoras de futebol de Picos, sujeitos históricos que deram o pontapé inicial para a prática do esporte de forma profissional pelas mulheres picoenses. Ainda num período em que os papéis tradicionais femininos estavam relacionados ao espaço do lar e as mulheres eram educadas desde crianças para a vivência do casamento e serem boas donas de casa. Entretanto, esse grupo de mulheres encontrou na prática do futebol sua principal atividade de lazer, “fugindo” das brincadeiras de meninas de sua época.

## Conclusão

Pelas relações vividas através do futebol, parte das mulheres questionaram alguns dos conceitos impostos a seu gênero e passaram a compreender que as distinções entre o feminino e masculino nada mais era do que uma barreira tradicionalmente construída, servindo apenas para afirmar a superioridade de um gênero sobre o outro. As relações desenvolvidas pelo futebol serviram de base para que essas mulheres passassem a assumir uma posição mais atuante na sociedade, o que lhes proporcionou certa ascensão social e a ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional, e a mídia teve um papel importante neste processo. Assim, pode-se compreender que, nos anos 1980, apesar de as mulheres ocuparem cada vez mais lugar no espaço público através do seu ingresso em emprego público, no ensino superior, em cargos políticos, no futebol através do *Sport Club Internacional* etc.; ainda, assim, havia mulheres que optavam preferencialmente pelo desempenho dos papéis tradicionais.

## Referências

- ARAÚJO, Karina de Toledo. Processos de construção identitária, gênero e sexualidade de jovens alunas do ensino médio que vivenciam a prática do futebol. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT%206%20-%20Artigo\\_Completo\\_Karina%20Toledo%5B1%5D.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT%206%20-%20Artigo_Completo_Karina%20Toledo%5B1%5D.pdf). Acesso em: jun. 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Campinas, SP: Papirus. 1991.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CUNHA, Nina Nunes Rodrigues. MAGALHÃES, Tabata Michelle Santos. SAID, Gustavo Fortes. **Década de 70: Rádio Pioneira e o Auge do Radiojornalismo Esportivo no Piauí**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Luís, 2010.



DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol**: um estudo a partir de memória de mulheres. São Leopoldo, RS, 2010.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 25, nº 50, dez. 2005. P. 315-328. Disponível em: <http://www.scielo.br/rbh>. Acesso em: 01 de dezembro, 2014.

FREITAS, Maria de. **História Oral**: Possibilidades e Procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil**: entre incentivos e interdições elas fazem história. São Paulo, v.8, n1, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fis. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. Femininos e masculinos no futebol brasileiro. **Tese** (Doutorado em Psicologia Social do Trabalho) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MENDES, José Paulo. Urubus X SEP (sociedade esportiva de picos): As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. 2014. 65p. **Monografia** (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

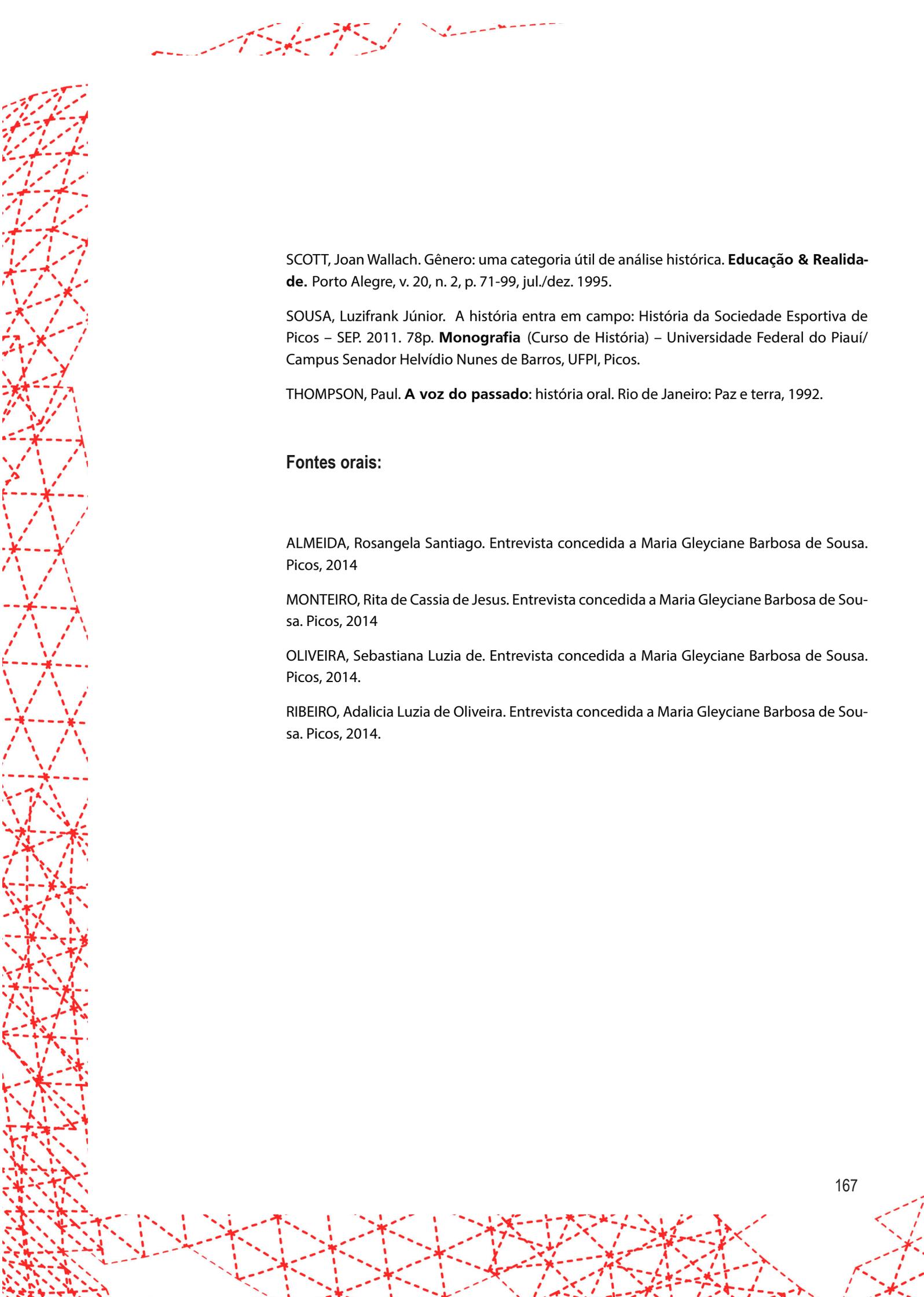
MOURA, Eriberto José Lessa de. As relações entre lazer, futebol e gênero. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física/Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 2003.

**Placar**, São Paulo: Editora Abril, out. 1984. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=3VxTL4P3bV4C&hl=ptBR&source=gbs\\_all\\_issues\\_r&cad=1](https://books.google.com.br/books?id=3VxTL4P3bV4C&hl=ptBR&source=gbs_all_issues_r&cad=1)

**Placar**, São Paulo: Editora Abril, set. 1981. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=x1EQ4j97P\\_AC&hl=ptBR&source=gbs\\_all\\_issues\\_r&cad=1](https://books.google.com.br/books?id=x1EQ4j97P_AC&hl=ptBR&source=gbs_all_issues_r&cad=1).

SAMEL da início a copa batom. Disponível em: <http://www.portalpmt.teresina.pi.gov.br/noticia/Semel-da-inicio-a-Copa-Batom-2015/6126>. Acesso em: 02 maio 2014. Acesso em: 10 abril, 2015.

REIS, Fabio Pinto Gonçalves dos; ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. **EFDesportes**, Buenos Aires, v. 16, n.163, 2011. Disponível em: <http://www.efdesportes.com>. Acesso em: 25 de novembro, 2014.



SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUSA, Luzifrank Júnior. A história entra em campo: História da Sociedade Esportiva de Picos – SEP. 2011. 78p. **Monografia** (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

#### **Fontes orais:**

ALMEIDA, Rosangela Santiago. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014

MONTEIRO, Rita de Cassia de Jesus. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014

OLIVEIRA, Sebastiana Luzia de. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014.

RIBEIRO, Adalicia Luzia de Oliveira. Entrevista concedida a Maria Gleyciane Barbosa de Sousa. Picos, 2014.